

Professor Rodrigo,

Escrevo essa carta para te dizer que quero que você leia o meu trabalho, aquele trabalho, na verdade, aquele texto, que nem é um trabalho, que você me passou na nossa 1ª orientação (ou seria na minha primeira orientação?), enfim, eu quero que você leia o meu texto onde conto a história que eu quero contar. Eu coloquei isso em uma nota de rodapé, embora não esteja falando diretamente para você. Não estou escrevendo aquele texto para você ler, mas eu quero e gostaria que você lesse.

Por um lado esse meu querer que você lia decorre de uma espécie de birra raivosa por você ter me passado essa tarefa. Eu sei que você passou a tarefa de eu escrever para mim, mas não é justo você não ler uma vez que se você ler acho que fica menos difícil para mim. Daí me ler é como dividir o peso.

E, você lendo, ainda há a possibilidade de aproveitá-lo na dissertação e assim é como se

pelo menos ele servisse para alguma coisa. (Mas eu sei que escrever por si só já está me servindo muito.)

Agradeço a preocupação mas esse processo não está sendo um martírio não, ao contrário. É um descarrego. Não quero dizer com isso que esteja sendo fácil. É difícil demais, mas eu finalmente perdi o medo.





Daí tentar aprender aquarela para as próximas cartas, mas fiquei feliz que essa já esteja menos feia.

Eu estava muito apreensiva com a resposta da sua carta. Passei o final de semana sem coragem de abrir por medo da sua resposta à pergunta que eu não te fiz, mas quando abri fiquei muito feliz com a resposta.

Fiquei tão feliz que não me arrependi de não ter lido antes porque o que havia sido angústia e preocupação se tornou, tão logo eu li, numa espécie de preparação que às vezes é mais legal que a coisa em si. Como as festas da Clarissa, em que eu me divirto mais preparando coisinhas do que no momento da festa em si.

Aquela arvorezinha vermelha foi de uma decoração de aniversário dela. 6 anos, festa do filme "meu amigo Totoro". Você já viu? É lindo. Na parte artesanal do meu trabalho também tinha papéis que usei em decorações da minha casa, incluindo de uns vasos de macramê que comprei um dia desses e renda do meu <sup>convite de</sup> casamento, que foi há 10 anos e que foi quando eu percebi que gostava mais de planejar festas do que das festas em si.

Cordialmente,  
Ludmila



00:10

04 / 02 / 23

Professor Rodrigo, na última carta eu disse que queria aprender aquarela para usar nas próximas cartas; pois, acredita que me apareceu um anúncio de um curso gratuito às sextas pela manhã na Ita Sul?

Eu pretendo fazer e é muito deido que eu pense que eu posso fazer aula de aquarela em uma sexta-feira às 9 da manhã... mas é isso, eu posso. Espero que não haja conflito com nenhuma disciplina que eu precise cursar.

Você consegue perceber o quanto de liberdade eu precisei cavar para poder fazer aula de aquarela numa sexta-feira das 9 às 11 da manhã?

Enquanto escrevo eu me vejo pensando na natureza da nossa interlocução e pensando no lugar que você ocupa nesse meu processo de escrita.

Você é meu orientador, eu sei. Leitor-ouvindo. (Diniz, Debora. (2012)) E eu nem conseguir fazer uma citação aqui. E nem acho bonito. Nessas cartas à mão eu queria poder escrever sem citar, sem referenciar. Pelo menos não de forma padrão, posto que não quero plagiar ideia de ninguém; como se fosse possível plagiar alguém tão notadamente conhecida. (Se eu digo que só sei que nada sei e não cito o Sócrates vão dizer que é plágio?)



Mas, continuemos: Você é o meu ouvidor, meu ouvidor leitor para não precisar usar nem aspas.

É, eu aceito o "acordo afetivo" de não sofrer para escrever, ainda que sim, na minha escrita tenha "raiva", "sensibilidade" e "até ódio". É continuo me referindo a carta da professora Débora Diniz para suas orientandas e vendo na minha escrita uma "possibilidade fascinante de descoberta e superação". É me referencio também na primeira carta que você me enviou e que, embora eu tenha passado o final de semana inteiro sem coragem de lê-la, quando li me trouxe uma satisfação poucas vezes sentida: a de ser escutada, ouvida, compreendida.

Eu me senti contemplada em cada parte do meu texto com sua resposta, como se sim, você tivesse entendido. Sendo um bom ouvinte. É de fato o foi. Eu me sinto agraciada com essa possibilidade e não é puxa-saquismo; embora também hei de concordar que evitei o termo "cinismo" ainda que o tenha cogitado.

É, sobre a natureza da nossa interlocução e sobre seu lugar nela eu me pergunto se ele seria o de apenas "leitor-ouvindo", ou se você <sup>fam</sup> <sub>ber</sub> é mais que a voz da consciência, uma espécie de grilo falante do Pinóquio ou Mushu no filme da Mulan. Me pergunto ainda se as coisas que te escrevo podem vir a ser muito disserta-



ção, se serão anexos, se são parte da orientação... não sei se te escrevo para validar meu processo de escrita, se para organizar as ideias, se para pedir uma luz ou para conferir alguma ordem a esse caos. E talvez nem seja ordem, talvez seja uma esperança de que, você me lendo, eu tenha um farol para não me perder no processo. Te escrever de alguma forma faz fazer sentido.

Muito obrigada, professor.

Ludmila

OBS. Acho que vou passar a escrever à lápis e assim resolver o impasse estético entre a rasura e o corretivo.